

# Retrato de uma fratria: uma leitura psicanalítica das irmãs March a partir do complexo fraterno

*Portrait of a fraternal group: a psychoanalytic reading of the March sisters from the perspective of the fraternal complex*

*Retrato de una Fratría: una lectura psicoanalítica de las hermanas March a partir del complejo fraterno*

Mariana Guimarães Ulian<sup>1</sup> , Maíra Bonafé Sei<sup>2</sup> 

**Resumo:** Na contemporaneidade, a ampliação do conceito de família levou à sua compreensão como um espaço constituído por vínculos recíprocos que participam ativamente da constituição da subjetividade e da formação dos laços sociais. Nesse contexto, os estudos em psicanálise passam a ultrapassar o foco na parentalidade e reconhecem o laço fraterno como fundamental na formação psíquica dos sujeitos, dando lugar à noção de Complexo Fraterno, conceito ainda pouco explorado em psicanálise, caracterizado por dinâmicas ambivalentes que impactam profundamente as famílias. Nesse sentido, o presente trabalho se propõe a investigar não somente o vínculo fraterno, mas também suas dinâmicas relacionadas à rivalidade e ao luto na fratria, a partir de uma análise fílmica fundamentada na teoria psicanalítica, que adota como objeto a minissérie *Little Women* (Thomas et al., 2017), que retrata um grupo de irmãs, da infância à vida adulta. Posto isso, espera-se contribuir para os estudos do Complexo Fraterno ao ilustrar sua manifestação na organização psíquica de indivíduos com irmãos e elucidar possíveis divergências em relação a esse conceito.

**Palavras-chave:** psicanálise; vínculo; rivalidade; complexo fraterno;

**Abstract:** In contemporary times, the expansion of the concept of family has led to its understanding as a space constituted by reciprocal bonds, which actively participate in the formation of subjectivity and the construction of social ties. Within this context, psychoanalytic studies have moved beyond an exclusive focus on parenthood and have come to recognize the fraternal bond as fundamental to the development of subjectivity, giving rise to the notion of the Fraternal Complex. This concept, still relatively underexplored in psychoanalysis, is characterized by ambivalent dynamics that profoundly impact family relationships. In this sense, the present study aims to investigate the fraternal bond and its dynamics related to rivalry and mourning within the fraternal group, based on a film analysis of the miniseries *Little Women* (Thomas et al., 2017), which portrays a group of four sisters of different ages and personalities. Thus, this study seeks to contribute to research on the Fraternal Complex by illustrating its manifestations in the psychic organization of individuals with siblings and by elucidating possible divergences related to this concept.

**Keywords:** psychoanalysis; bond; rivalry; fraternal complex;

**Resumen:** En la contemporaneidad, la ampliación del concepto de familia ha conducido a su comprensión como un espacio constituido por vínculos recíprocos, los cuales participan activamente en la constitución de la subjetividad y en la formación de los lazos sociales. En este contexto, los estudios psicoanalíticos han trascendido el enfoque exclusivo en la parentalidad y han reconocido el vínculo fraterno como fundamental en la constitución de la subjetividad, dando lugar a la noción de Complejo Fraterno. Este concepto, aún poco explorado en el psicoanálisis, se caracteriza por dinámicas ambivalentes que impactan profundamente las dinámicas familiares. En este sentido, el presente trabajo se propone investigar el vínculo fraterno y sus dinámicas relacionadas con la rivalidad y el duelo en la fratría, a partir de un análisis fílmico de la miniserie *Little Women* (Thomas et al., 2017), que retrata a un grupo de cuatro hermanas de distintas edades y personalidades. Así, se espera contribuir a los estudios sobre el Complejo Fraterno al ilustrar su manifestación en la organización psíquica de individuos con hermanos y esclarecer posibles divergencias en relación con este concepto.

**Palabras clave:** psicoanálisis; vínculo; rivalidad; complejo fraterno;

<sup>1</sup>Aluna de Graduação em Psicologia na Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, PR, Brasil. [ulian.mariana00@gmail.com](mailto:ulian.mariana00@gmail.com).

<sup>2</sup>Professora Associada do Departamento de Psicologia e Psicanálise, Orientadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPSI), na Universidade Estadual de Londrina (UEL). Londrina, PR, Brasil. [mairabonafé@uel.br](mailto:mairabonafé@uel.br)

**Recebido em:** 14/01/2026 | **Alterado em:** 30/01 e 18/07/2026 | **Aceito em:** 30/07/2026

## Considerações sobre o vínculo fraterno

As relações familiares sempre foram um objeto central de investigação na psicanálise. Cabe destacar que nos primeiros estudos psicanalíticos, iniciados por Freud no começo do século XX, havia uma diferença marcante no que se entendia como família em relação aos dias de hoje. De fato, em suas investigações, Freud (1905/2016) considerava o modelo tradicional de família, o qual era composto por pai, mãe e seus filhos, denominado, assim, família nuclear. O estudo da família nuclear tinha como enfoque a relação entre pais e filhos, relacionando-se ao Complexo de Édipo. Após Freud, na contemporaneidade, emerge a psicanálise vincular cujo ponto de partida é a proposta de um aprofundamento sobre os estudos psicanalíticos das relações de grupos, casais e famílias.

O conceito de vínculo, conforme formulado por Berenstein e Puget (1993), pode ser compreendido como uma produção relacional que se constitui na presença do outro; trata-se de uma ligação entre sujeitos que, a partir da interação, produzem processos de subjetivação. Esses vínculos se constroem com base em pactos ou acordos inconscientes que visam preencher uma falta ou responder ao desamparo originário. A partir dessa concepção, é possível compreender como as configurações de vínculos familiares foram se transformando ao longo do tempo, acompanhando as mudanças culturais. Tais mudanças culturais são responsáveis pela alteração do próprio conceito de família.

Segundo Levisky, et al. (2021), a família pode ser definida como um espaço vincular construído por compromissos afetivos recíprocos e cumplicidade, podendo ter natureza amorosa ou perversa e ser duradoura. Desse modo, a família pode ser definida também como um espaço de trocas afetivas, onde ocorrem identificações, alianças, aquisição de comportamentos e valores que influenciam o desenvolvimento individual e grupal. Além disso, esses vínculos, formados por filiação e afiliação, assumem diferentes configurações conforme o contexto histórico-cultural. Partindo dessa nova definição de família, observa-se que a constituição familiar foge ao olhar restrito da relação parental-filial. Nesse contexto, insere-se o conceito de vínculo fraterno, estruturado a partir de dois eixos fundamentais: o eixo vertical, que diz respeito à relação do casal parental com seus filhos, e o eixo horizontal, constituído pelas relações entre os próprios descendentes, sejam irmãos consanguíneos, adotivos ou membros de famílias recompostas. A articulação desses dois eixos permite pensar a fratria como uma entidade psíquica específica, que se organiza em torno do casal parental e carrega uma dinâmica própria de afetos e identificações (Kaës, 2011).

É a partir dessa estrutura que se desenvolve o conceito de Complexo Fraterno, o qual se caracteriza como um conjunto estruturado de representações e investimentos inconscientes, formado por fantasias e relações intersubjetivas que organizam a posição do sujeito como ser desejante, o qual estrutura desejos amorosos, narcísicos e objetais, além de sentimentos de ódio e agressividade em relação ao irmão ou à irmã. Ou seja, o Complexo Fraterno constitui-se de uma série de ambivalências e identificações (Kaës, 2011, p. 187). Em sua função defensiva, o Complexo Fraterno pode representar a expressão de conflitos edípicos e narcísicos não resolvidos, que se deslocam para o campo da relação entre os pares fraternos (Kancyper, 2004, p. 241).

Cumprido destacar que o Complexo Fraterno, no entanto, mantém interligação com a dinâmica narcisista e edípica, mas não depende de seus eventuais deslocamentos nas relações fraternas. A título de exemplo, os ressentimentos e os remorsos que surgem a partir da dinâmica vincular entre os irmãos podem assumir uma importância significativa, determinando, inclusive, em grande parte, o destino de suas vidas e das vidas de seus descendentes. Nesse sentido, é importante discorrer sobre como se constituem os relacionamentos em uma fratria.

Partindo de uma observação da dinâmica fraterna sob perspectiva vincular, é possível entender a fratria como uma entidade psíquica grupal e sincrônica, dotada de um aparelho psíquico próprio, que não se reduz à soma dos psiquismos individuais de irmãos e irmãs (Benghozi & Feres Carneiro, 2001, como citado em Goldsmid & Féres-Carneiro, 2007). Nessa formulação, os autores distinguem o laço fraterno da relação fraterna: o primeiro refere-se ao compartilhamento de um mesmo vínculo de filiação, isto é, à condição de

ser irmão ou irmã no interior de uma mesma família, enquanto o segundo diz respeito à qualidade do vínculo estabelecido, que pode variar entre proximidade e distanciamento, frieza ou calor afetivo, harmonia ou conflito. Inicialmente, a condição instituída pelo laço fraterno, assim como ocorre com a parentalidade, instaura relações de ordem simbólica que exercem papel fundamental na constituição da subjetividade, repercutindo tanto na organização da estrutura psíquica quanto na edificação dos laços sociais. Dessa forma, a função fraterna se constitui como uma função estruturante da família, uma vez que implica uma estrutura colaborativa e de aprendizado (Losso, 2001) em que, por meio do vínculo e através do jogo, pode-se elaborar a angústia e desenvolver a criatividade, tal como ensinar e aprender.

Além disso, de acordo com Kehl (2000), a função fraterna estabelece uma série de condições para a formação da subjetividade. De fato, a presença do irmão quebra a ilusão narcísica de centralidade do sujeito e isso ajuda a formar a identidade por meio da diferença e da comparação. Em primeiro lugar, o irmão é alguém parecido, mas não igual, e isso obriga a criança a rever sua própria imagem de si e permite que deixe de se ver como única ou absoluta e passe a se confrontar com um outro semelhante. Esse “outro” pode gerar ciúme pela disputa com os pais, pelo interesse, pela semelhança, pelo ódio, pela competição e identificação a partir do desejo de ser como ele. Em segundo lugar, a fratria cria um espaço crítico e autônomo, aonde o saber não vem mais apenas da autoridade parental, mas da experiência coletiva entre irmãos. Na adolescência, por exemplo, os irmãos compartilham experiências que fortalecem sua união e ao mesmo tempo questionam a autoridade dos pais. Assim, a figura paterna, antes vista como absoluta, perde este lugar à medida que os irmãos trocam vivências, pensamentos e enfrentam juntos a realidade. Por último, Kehl (2000) discorre que entre irmãos há um espaço simbólico onde o saber não é único nem fixo, como o saber parental, mas é aberto, múltiplo, criativo e instável, e isso introduz na vida do sujeito uma ambiguidade e multiplicidade de significados.

Em meio à nova realidade psíquica apresentada, não só na família como também na fratria, surge a questão da rivalidade. Ainda em *O Ego e o Id*, Freud (1923/1976) descreve que os sentimentos sociais nascem no indivíduo como uma superestrutura que se eleva sobre as moções de rivalidade e ciúmes para com os irmãos e, uma vez que essa rivalidade não possa se satisfazer, estabelece-se uma identificação com os que foram inicialmente rivais. Um exemplo clássico, é o caso do *Pequeno Hans* (Freud, 1909/2015), com o nascimento de sua irmã caçula. Nesse período, os pais de Hans observaram o trabalho mental e a curiosidade do filho ao levantar questões relacionadas à diferença sexual, à origem dos bebês e à cena primária. Em contextos como este, quando a criança se reconhece como não sendo o centro do mundo dos pais, surgem os primeiros sentimentos de ódio e rivalidade com o irmão ao vivenciar o sentimento de angústia de castração. De fato, a relação entre irmãos na primeira infância é caracterizada pela disputa pelo amor e atenção dos pais, bem como pelo desenvolvimento da identidade individual por meio da diferenciação entre si. Dessa forma, a rivalidade fraterna pode ser compreendida como um fenômeno mais sutil e menos observável do que o conflito explícito ou a competição aberta. Segundo Boer (1990), essa rivalidade envolve não apenas a disputa direta entre irmãos, mas também sentimentos de ciúme em relação à atenção e ao afeto dos pais. Neubauer (1982) complementa ao afirmar que a rivalidade fraterna se configura como o desejo de manter o vínculo com o objeto, geralmente os pais, evitando perdê-lo para um rival, ao contrário da hostilidade que visa à eliminação do outro. Nesse sentido, a rivalidade está profundamente vinculada à ameaça de perda de lugar ou de amor, e não necessariamente à negação do vínculo. Ainda segundo Boer (1990), o objetivo central da rivalidade é a superação do outro, motivada pela busca de recompensas simbólicas, como o amor parental, a aprovação e o reconhecimento.

Ainda nesse contexto, enquanto a rivalidade envolve o desejo de superação do outro visando manter o vínculo com o objeto valorizado, o ciúme é mobilizado diante da ameaça de perda desse vínculo para um terceiro, geralmente representado por outro irmão. Segundo Pereira e Lopes (2013), três características centrais definem o ciúme: ele ocorre em um triângulo relacional; envolve um vínculo percebido como próximo e valioso; e é desencadeado por uma perda real ou simbólica dessa relação para um rival. O grau de ciúme tende a se intensificar conforme o valor afetivo atribuído ao objeto, geralmente os pais, e o temor pela sua retirada.

No contexto do laço social, a relação fraterna se constitui a partir do compartilhamento de vivências e experiências comuns no seio da família, configurando-se como uma das determinações psíquicas mais duradouras na vida dos sujeitos. Como afirmam Goldsmid e Féres-Carneiro (2007), assim como não há ex-pais nem ex-filhos, não existem ex-irmãos, o que evidencia o caráter vitalício e estruturante desse vínculo. Mais do que uma relação biológica, o laço entre irmãos participa da construção da identidade e da inserção social dos indivíduos, funcionando como um vínculo psíquico afiliativo, ou seja, um pertencimento subjetivo a um grupo, sustentado pela inscrição sociocultural no espaço coletivo. Nesse sentido, o laço fraterno ultrapassa a dimensão concreta da convivência cotidiana e se inscreve em uma realidade psíquica compartilhada, ou seja, na intersubjetividade. Para Kaës (2011), irmãos e irmãs são sujeitos do inconsciente não apenas em sua relação com os pais, mas também na relação mútua que estabelecem entre si: os irmãos compartilham um conhecimento mútuo profundo que é ao mesmo tempo consciente e, em grande parte, inconsciente. Esse saber se constitui a partir da vivência conjunta de sentimentos, conflitos e experiências dentro da intimidade familiar ao longo do tempo. Logo, cada irmão carrega consigo uma memória psíquica dessas vivências, que persiste mesmo quando os caminhos da vida adulta os levam a direções distintas. Dessa maneira, a convivência próxima na infância, marcada por trocas afetivas intensas, estabelece um legado inconsciente duradouro que funciona como um ponto de referência para a constituição da identidade de cada sujeito e influencia a forma como o irmão é percebido e internalizado.

Quando há afinidade entre os membros da fratria, essa relação pode se transformar em um espaço de apoio e mediação com o mundo externo: os irmãos mais velhos, por exemplo, podem suavizar as exigências da realidade e orientar os mais novos em sua trajetória de subjetivação. No entanto, se a rivalidade for exacerbada, seja por conflitos não elaborados, disputas intensas ou legado parental disfuncional, os afetos estruturantes dessa relação tendem a ser reprimidos, cindidos ou permanecer inacessíveis, gerando entraves emocionais duradouros. Segundo Eiguer (2001), a qualidade da convivência entre os irmãos depende fortemente do legado psíquico deixado pelos pais: é por meio do amor ao objeto transicional, do respeito à alteridade e da capacidade de aprender com o outro que se torna possível transformar o vínculo fraterno em um espaço de crescimento e elaboração. Assim, o modo como os pais transmitem afetos, limites e valores incide diretamente sobre a maneira como os irmãos se relacionam, influenciando a possibilidade de uma fratria suficientemente boa. A intersubjetividade, nesse contexto, não se refere apenas à troca empática ou comportamental, mas à participação conjunta em estruturas inconscientes, como repressões, fantasias, desejos e interditos. Esses elementos comuns organizam o vínculo fraterno de forma complexa, fazendo com que os irmãos compartilhem não apenas um passado familiar, mas também uma trama simbólica inconsciente que molda suas posições subjetivas dentro da família.

A organização do vínculo fraterno pode ser alterada de diversas maneiras, como, por exemplo, a partir da perda de um dos irmãos, membros da fratria. De fato, a morte é capaz de provocar um redirecionamento dos afetos para outras pessoas (Freud, 1917/1974) e a partir da perda é possível que as posições subjetivas dentro da família sejam alteradas ou que até mesmo o vínculo seja afetado em face da perda. Nesse sentido, Benghozi (2005) apresenta a questão dos processos de resiliência familiar, ou malhagem dos vínculos, após a perda, dando espaço a novos entrelaçamentos e disposições. Assim, é possível compreender que o laço fraterno não apenas molda a subjetividade dos sujeitos ao longo da vida, como também constitui um eixo central na organização psíquica e vincular da família. Quando atravessado pelo luto, esse laço se vê confrontado com a tarefa de reelaborar fantasias inconscientes e reposicionar os sujeitos frente à ausência, exigindo um trabalho simbólico que possa sustentar a continuidade dos vínculos. Posto isso, o luto na fratria não representa apenas a perda de um outro significativo, mas a necessidade de reconstrução da própria trama intersubjetiva que sustentava a rede de pertencimento familiar.

Em face do exposto, é possível observar que o Complexo Fraterno é multifacetado em suas instâncias sociais e psíquicas. Além do Édipo e partindo de uma perspectiva vincular, a relação entre irmãos abrange uma série de condições que partem da dinâmica do inconsciente familiar, desde a ambiguidade de afetos que

envolvem parceria e rivalidade, tal como o papel que os sujeitos exercem na fratria e o papel da fratria na família. Dessa maneira, o complexo fraterno, embora tenha sido colocado em segundo plano como temática de estudos em psicanálise, se configura como um campo importante de estudo.

Os efeitos do complexo fraterno podem ser observados, de fato, não somente em casos clínicos reais, como também em produções audiovisuais que abordam a relação entre irmãos, como no caso das irmãs March em *Little Women*, (Thomas et al., 2017). Sob essa perspectiva, propõe-se uma análise crítica da minissérie, produção que apresenta o desenvolvimento de uma fratria profundamente marcada pelo vínculo fraterno, marcada por cumplicidade, rivalidade, idealização e pela reorganização dos vínculos em vista da perda, com o objetivo de ilustrar o conteúdo aqui apresentado. Almeja-se, então, discutir, por meio da análise fílmica, o Complexo Fraterno a partir de uma ótica psicanalítica. Busca-se investigar de que forma a inveja e a disputa estruturam a relação entre a fratria, bem como compreender de que maneira o luto fraterno pode ser analisado a partir da psicanálise.

## Método

Propõe-se a realização de uma análise fílmica da minissérie *Little Women* (Thomas et al., 2017), entendendo-se que a análise fílmica consiste em decompor, descrever e analisar as relações entre os elementos de uma obra audiovisual, de modo a interpretar tais elementos (Vanoye & Goliot-Lete, 2006). Dessa maneira, a minissérie é utilizada neste trabalho como objeto de observação e investigação de componentes descritos como presentes na dinâmica e no vínculo entre irmãos e que compõem o Complexo Fraterno.

A escolha da minissérie *Little Woman* se deu uma vez que a obra retrata uma fratria composta por quatro irmãs de personalidades e idades distintas durante um período de anos em suas vidas, no qual, em três episódios, é possível acompanhar não só a saída das irmãs da infância e adolescência, seu amadurecimento, como também a forma como as relações entre elas se alteraram. Assim, levou-se em consideração o que a narrativa fílmica ilustra e o que se pode entender sobre o Complexo Fraterno a partir da análise e interpretação das interações entre as irmãs Jo (Maya Hawke) e Amy (Kathryn Newton) e como a morte de Beth (Annes Elwin) afeta a constituição psíquica das irmãs, com ênfase na personagem Jo, e a organização social da fratria.

As cenas foram selecionadas a partir de uma análise de conteúdo (Penafria, 2009) apresentada na obra em relação à temática de estudo aqui apresentada. A análise fílmica foi conduzida a partir de categorias analíticas definidas a priori, fundamentadas no referencial teórico da Psicanálise. Especificamente, os conceitos de vínculo, rivalidade, luto e complexo fraterno constituíram os eixos norteadores da interpretação do material, orientando a identificação e a análise das cenas selecionadas. Dessa forma, a investigação aqui apresentada se baseou em um processo analítico previamente estruturado no qual os elementos da narrativa cinematográfica foram examinados à luz desses conceitos psicanalíticos, permitindo uma articulação entre teoria e objeto de estudo.

Essa análise foi feita por meio de uma observação crítica das cenas em três momentos. No primeiro, a série foi vista na íntegra e foi feita uma primeira seleção das minutas de cenas em que a dinâmica fraterna se apresentava de forma mais explícita. Em segundo momento, foi feita a descrição por escrito dessas cenas, junto a observações de contexto, dando ênfase aos diálogos e às posições das atrizes em cena ao longo da exibição dos eventos, e associada a conteúdos psicanalíticos como o complexo fraterno pela autora. Por último, as cenas selecionadas foram repassadas a fim de observar mais detalhadamente os aspectos das cenas. A análise não se prendeu a protocolos quantitativos rígidos, optando-se por uma abordagem qualitativa-interpretativa, na qual a teoria psicanalítica operou como a lente norteadora para a decodificação dos sentidos da obra. Dessa forma, essa seleção teve como finalidade exemplificar as dinâmicas fraternas, não abrangendo todos os momentos da obra em que isso foi exibido necessariamente. Cumpre enfatizar que a própria obra dá maior destaque às personagens de Jo e Amy, o que contribui para a maior presença dessas personagens na análise presente neste trabalho.

## Resultados e Discussões

Em *Little Women* (Thomas et al., 2017), as irmãs March enfrentam a ausência do pai, que participa da Guerra Civil Americana (1861-1865), a qual consistiu em um conflito de caráter sociopolítico e econômico entre o norte do país e a região sul, caracterizada pela manutenção do sistema escravista no país e que movimentava o sistema econômico das *plantations*. O fim da escravidão e a adoção de novos sistemas comerciais e de produção foram a principal motivação para o início da guerra que dividiu os Estados Unidos nesse período (Santos, 2014). Em face da convocação para a guerra, muitas famílias vivenciaram a ausência de pais, maridos e irmãos e eventualmente a perda dos mesmos. Essa ausência em decorrência da guerra implicava na reorganização das famílias e muitas vezes na sobrecarga de funções maternas, como acontece com a matriarca da família March na minissérie.

A família é representada como composta inicialmente pelas quatro irmãs - Meg, Jo, Beth e Amy - pela mãe, Marmee, e por uma governanta que coabitam em uma casa modesta de classe média nos Estados Unidos. Todas essas mulheres fazem parte da família do pastor local, que é responsável pela comunidade onde residem e, desde o começo, a narrativa destaca os valores morais e afetivos que regem essa família com a doação de sua ceia de Natal a uma família carente da comunidade.

É importante destacar que na ausência do pai, no contexto da história, a mãe assume o lugar dele como representante de suas funções na comunidade, tal como dentro da casa. Nesse contexto, a forma como se organiza a relação entre as irmãs March em face da ausência parental evidencia o papel fundamental que os vínculos fraternos podem assumir na sustentação afetiva da família. Em situações de vulnerabilidade, como guerras, a fratria frequentemente se constitui como o único suporte emocional disponível, tornando-se o principal alicerce psíquico e relacional. Em cenários como este, os irmãos não apenas compartilham a experiência do desamparo, mas também tentam, mutuamente, oferecer apoio diante da ausência de figuras adultas protetoras (Goldsmid & Féres-Carneiro, 2011). No caso de *Little Women*, essa ausência se dá pela figura do pai e, posteriormente, também pela mãe. Posto isso, ainda que não substituam os cuidados permanentes e estruturantes de um adulto, as relações fraternas ganham um valor ampliado, funcionando como uma rede de apoio vital e, muitas vezes, como espaço de elaboração conjunta do sofrimento.

Cumprir destacar que a composição da fratria por mulheres de idades muito próximas contribuiu para sua forma de organização subjetiva. De fato, a atribuição de papéis às irmãs é significativa na forma como elas se relacionam. Fernandes et al. (2007), a partir de uma pesquisa quantitativa que parte da teoria de Alfred Adler (Stein, *apud* Fernandes et al., 2007) sobre as posições fraternais, apontam que a posição na fratria, assim como a variável de gênero, são estaticamente determinantes na formação de personalidade dos sujeitos. Concomitante aos resultados apresentados da pesquisa citada, é possível observar que Meg, a mais velha, demonstra ser mais obediente e altruísta em relação a Jo que, como filha do meio, se comporta de maneira mais hostil em alguns episódios. De fato, o primogênito da fratria tende a ser o detentor da lei e do dever no grupo. Já as mais novas, no caso, Beth e Amy apresentam personalidades mais pacíficas, embora estas características não anulem os atravessamentos do complexo fraterno nas relações.

No primeiro episódio da minissérie, Laurie (Jonah Hauer-King), um rapaz de família rica recém-apresentado à família March, rapidamente se aproxima das irmãs, especialmente de Jo (Maya Hawke). Em certa ocasião, ele a convida ao teatro, e Meg (Willa Fitzgerald), a irmã mais velha, também é incluída no convite. Ao perceber a movimentação, a caçula Amy (Kathryn Newton) expressa o desejo de ir junto, mas é repreendida por Jo, que impede que ela vá. Sentida, Amy reage com raiva, prometendo vingança: mais tarde, enquanto Jo e Meg estão no teatro, Amy sobe ao sótão, encontra o manuscrito de um romance inédito da irmã, cujo sonho era tornar-se escritora, e, movida pela mágoa, o queima no fogão. Ao retornar do teatro, Jo tenta se desculpar com Amy por não ter deixado que a irmã a acompanhasse, mas antes que a conversa avance, a governanta surge mostrando papéis queimados que Jo reconhece com horror como sendo seu próprio manuscrito. Amy, sem arrependimento, confirma que o destruiu como forma de retaliação. Tomada pela dor e indignação, Jo reage com violência, dá um tapa na irmã e sai, em prantos. Amy, agora chorando, é repreendida por Marmee e Meg.

Nessa cena, observa-se um conflito. De acordo com Goldsmid e Féres-Carneiro (2007), quando a fratria é composta por irmãos adolescentes, o motivo principal dos conflitos é a demarcação de seu território e o uso de objetos pessoais, sem autorização, danificados, ou não restituídos. Além disso, o conflito pode representar a manifestação de outras dinâmicas como a competição, o ciúme ou a rivalidade. De fato, muitas das situações classificadas como conflito ou agressão podem refletir outras dimensões do vínculo fraterno, como a competição e a rivalidade quando analisadas com maior profundidade. Nesse sentido, Boer (1990) propõe a seguinte distinção conceitual: enquanto a competição ocorre em uma relação com foco na superação direta do irmão, a rivalidade envolve a tentativa de superação do irmão diante de um terceiro, geralmente uma figura de referência, como os pais. Assim, a rivalidade está associada ao desejo de demonstrar superioridade em atributos como status, poder, habilidades ou aparência para alguém externo à dupla fraterna. Ainda que esses dois conceitos estejam interligados, é possível afirmar que toda rivalidade pressupõe uma competição, mas nem toda competição se configura como rivalidade. Nesse contexto, a competição pode ser vista como a expressão da rivalidade, que, por sua vez, envolve um componente simbólico e relacional mais profundo a ser determinado. Na cena apresentada, é possível observar que o conflito entre Jo e Amy é permeado pelos desejos de superação direta (da segunda sobre a primeira) e pelo de retaliação associado ao ciúme que, neste caso, é desencadeado por uma perda real ou simbólica dessa relação (não poder ir ao teatro com Laurie) para um rival, neste caso, a irmã Jo.

Ainda no primeiro episódio, os dias passam, e as duas irmãs permanecem brigadas. Em uma tarde, Jo e Laurie vão ao lago congelado para patinar. Na semana anterior, Laurie havia convidado Amy para se juntar a eles, mas desta vez Jo a excluiu, ainda magoada com o evento de queima do manuscrito. Ao chegarem sozinhos ao lago, Laurie alerta Jo sobre as partes mais finas do gelo, avisando que se ele comesse a estalar, deveria se afastar imediatamente por haver perigo de um acidente. Algum tempo depois, Amy aparece no lago com os patins, tentando se aproximar da irmã. As duas começam a discutir e Amy segue caminhando em direção a Jo, sem ter sido alertada sobre o risco do gelo fino. Subitamente, o gelo cede e ela cai nas águas congelantes. Desesperados, Jo e Laurie correm para salvá-la. Jo, mesmo abalada, faz de tudo para resgatar a irmã e obtém sucesso. Já em casa, após o susto, Jo aparece limpando suas próprias feridas provocadas no resgate, muito abalada e repleta de culpa. Sua mãe, Marmee, a consola, dizendo que ela fez o possível, que Amy estava em casa segura e não teria maiores consequências. Depois da conversa com a mãe, Jo vai até o quarto onde Amy repousa coberta, ainda enfraquecida pela queda no lago, e com emoção, pede desculpas à irmã. Amy, com sinceridade, também se desculpa.

Na cena descrita, é possível observar que não só ocorreu uma reconciliação após um conflito, mas também um fortalecimento do vínculo, o que pode ser referido como um processo de remalhagem. O conceito de malhagem proposto por Benghozi (2010) tem como característica a potencialidade para sustentar um processo contínuo de construção, desconstrução e reconstrução de vínculos, promovendo o que se denomina remalhagem entre os diversos continentes psíquicos singulares. Para uma compreensão mais aprofundada da remalhagem, é necessário retomar a noção de “malha” como entidade funcional e psíquica que ultrapassa o nível de um único vínculo isolado. De fato, a malha constitui-se como uma estrutura capaz de exercer simultaneamente funções de ligação e de contenção, operando como um espaço intermediário entre os sujeitos e seus vínculos originais. Assim, a dinâmica de *malhagem*, *desmalhagem* e *remalhagem* oferece um modelo para compreender a plasticidade dos laços afetivos e simbólicos, revelando que o psiquismo é capaz de reconfigurar-se mesmo diante de impasses considerados estruturais ou traumáticos (Benghozi, 2010). Dentro da dinâmica fraterna, é possível identificar momentos em que o espaço psíquico da malha se torna um território de possibilidades, no qual a reconstrução do vínculo e da subjetividade permanece sempre em aberto e em que há possibilidade de reconciliação e fortalecimento das relações, como ocorre com Amy e Jo, que a partir desse evento, não entram em conflitos semelhantes e passam a construir ao longo da narrativa uma relação de parceria e respeito, agora mais madura.

Ao final do primeiro episódio, a família March recebe um telegrama acerca do estado de saúde do pai na guerra, o qual fora acometido por uma doença grave com chances de vir a óbito, o que alarma a família e urge que a Sra. March vá ao encontro do marido enfermo. Com a ausência de Marmee, Meg e Jo se responsabilizam pelas irmãs mais novas, cuidando de Amy, que estava sofrendo na escola com colegas e o professor, e cuidando também da irmã doente, Beth, que contrai *Scarlet fever*, ou escarlatina, uma doença infecciosa causada por bactéria que atingia crianças e jovens e, na época, poderia ser fatal. Com uma irmã em estado grave, a organização da fratria, em face das dificuldades e da ausência dos pais, se altera.

É possível observar uma série de eventos psíquicos nesse contexto. De fato, a boa relação das irmãs, redescoberta com a ausência dos pais, foi descrita por Kaës (2011), posto que, para o autor, a ausência da mãe suprime a rivalidade fraterna e, a partir disso, as relações podem ser marcadas pela benevolência e amizade. Por sua vez, Ruffo (2003) observa que a adolescência representa uma espécie de “segunda chance” de tornar-se, simbolicamente, “irmão do irmão”, isto é, um momento de ressignificação dos laços fraternos, permitindo a construção de novas formas de aproximação, identificação e suporte emocional mútuo. A adolescência, fase que vivenciam as irmãs March, é, por si só, uma fase de grandes formações fraternas, seja por laços de sangue, seja por laços de amizade.

Posteriormente, no terceiro e último episódio da minissérie, Beth, agora adulta, fica doente de novo, devido às sequelas deixadas pela doença quando mais jovem, e dessa vez sucumbe à doença. Com seu falecimento, há um abalo na família e uma necessidade não dita de elaboração e reorganização da estrutura familiar após a perda.

O luto pode ser descrito como uma reação à perda de uma pessoa amada, a qual não implica no desligamento total do objeto perdido, tendo em vista que a ligação com o objeto interno permanece e é ressignificada durante o trabalho de luto (Franco & Mazorra, 2007). De fato, o processo de luto envolve elaboração e um redimensionamento das fantasias do sujeito sobre aquele que se foi. No contexto do falecimento de um irmão, Kaës explica a dinâmica da perda como especialmente sensível quando se trata da morte de um irmão, pois a imagem do irmão morto pode surgir como um “duplo mortal e mortífero” do irmão sobrevivente, uma projeção que ativa intensamente o narcisismo destrutivo (Kaës, 2011, p. 210). Nesse esquema imaginário, a morte do irmão não é apenas uma ausência concreta, mas se transforma em um espelho sombrio da própria identidade, produzindo implicações profundas nas relações intersubjetivas. Nessa linha, o sobrevivente pode ser assolado por uma culpa existencial, expressa na pergunta silenciosa: “por que ele e não eu?”. A identificação inconsciente com o irmão falecido pode, assim, operar como uma forma de luto patológico, na medida em que impede a elaboração simbólica da perda e aprisiona o sujeito em uma repetição mortífera de sua imagem idealizada ou culpabilizada.

É importante destacar que ao longo da trama, com a nova fragilidade que passou a constituir a saúde de Beth, a família passa por um período que poderia ser classificado como luto antecipatório. Anton e Fávero (2011) propõem uma classificação do luto com base no tipo de morte ocorrida. Para os autores, é possível distinguir entre a morte repentina, decorrente de eventos traumáticos inesperados, e a morte esperada, que permite a elaboração de um luto antecipatório. Nesse segundo caso, há um tempo psíquico para a preparação gradual da despedida, o que favorece um processo de elaboração mais contínuo e menos abrupto. Já nas perdas súbitas, a ausência de tempo para essa preparação pode intensificar os sentimentos de choque, culpa e paralisia emocional, dificultando a simbolização e a reintegração da perda no psiquismo do enlutado.

Nesse sentido, a morte de Beth March representa, na narrativa de *Little Women*, um marco de reorganização emocional para todas as irmãs, especialmente para Jo, que, ao longo da história, mantém uma relação profundamente afetiva com Beth, marcada por cuidado, admiração e uma idealização quase materna da irmã. Logo, a progressiva piora do estado de saúde de Beth já antecipa, para Jo, um processo de separação que não é apenas da irmã, mas de parte da sua própria identidade, já que Jo projeta em Beth seu ideal de bondade, pureza e harmonia familiar, caracterizando o que foi descrito neste trabalho como luto antecipatório. Além disso, o ambiente familiar exerce uma função central nesse processo, como afirmado por Franco e Mazorra

(2007). A mãe, ao acolher o sofrimento das filhas e manter a coesão emocional do lar, funciona como um continente psíquico que permite à fratria reorganizar os vínculos após a morte de Beth. Ainda assim, a perda deixa marcas duradouras, particularmente em Jo, para quem a ausência da irmã representa uma ruptura simbólica no espaço do amor e da segurança emocional. De qualquer forma, a vivência da relação fraterna deixa suas marcas psíquicas individuais e, posto isso, modelos vinculares daí decorrentes, tais como rivalidade, sentimentos amorosos, necessidade de reparar, têm a tendência de se repetir ao longo da vida nos vínculos desse sujeito com outros pares (Goldsmid & Féres-Carneiro, 2011).

Ao fim da trama e a exemplo desses novos modelos vinculares, é possível destacar a busca de Jo por sua própria identidade e a descoberta de novas possibilidades de afeto e satisfação com seu trabalho e a descoberta do amor. Na cena final, a família March se encontra reunida e feliz, ao redor de Marmee e do Sr. March, apesar da perda de Beth ainda estar presente na memória familiar, agora resignificada. Nesse sentido, é possível destacar, por fim, a resiliência dos vínculos (Benghozi, 2010) e a potencialidade psíquica dos sujeitos em reconstruir e remalhar os laços afetivos mesmo diante da perda. A dor da ausência é incorporada à trama simbólica da família, permitindo que a experiência do luto não interrompa a continuidade dos vínculos, mas, ao contrário, os reinvente a partir de novas formas de pertencimento, cuidado e transmissão.

A fratria, enquanto espaço de intersubjetividade e complexidade afetiva, demonstra, assim, sua força estruturante, não apenas como lugar de conflito e rivalidade, mas também como campo de elaboração psíquica, sustentação emocional e transmissão de sentido. Nesse contexto, ao reinscrever a ausência de Beth no tecido vincular da família, as irmãs e os pais reafirmam a vitalidade do laço fraterno e sua capacidade de transformação, demonstrando que, mesmo diante da morte, o vínculo permanece, resignificado na memória, nos afetos e nas escolhas que continuam a ser feitas em nome do amor que persiste.

## Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo investigar o Complexo Fraterno na minissérie *Little Women* (Thomas et al., 2017), analisando as dinâmicas psíquicas e as relações intersubjetivas entre as irmãs March à luz da psicanálise vincular. Ao longo do percurso teórico e da análise fílmica, foi possível observar como as dimensões do vínculo fraterno, estruturado por ambivalências afetivas como inveja, amor, rivalidade e idealização, se manifestam na constituição subjetiva das personagens.

Para além de *Little Women*, outras representações de fratria ilustram o complexo fraterno e evidenciam suas especificidades. Franco e Sei (2016) observam na obra *Dois Irmãos*, de Miltom Hatoum, a forma como ocorre a transmissão psíquica e a formação de identidade de dois irmãos que rivalizam e competem entre si desde o nascimento com base, principalmente, nas preferências da mãe por um filho em relação ao outro. Já na análise feita por Amaral e Féres-Carneiro (2012) do filme *O príncipe das marés*, apresenta-se uma fratria mista marcada pela cumplicidade e pelo cuidado de três irmãos que, de forma semelhante às irmãs March, se apoiam e atuam no espaço de elaboração conjunta do sofrimento. No caso de *O Príncipe das Marés*, isso ocorre por meio da memória. Com as irmãs March, por meio do cuidado e da presença. Nesse sentido, embora diversas, essas fratrias ilustram o complexo fraterno de forma multifacetada e em contextos diferentes da obra aqui analisada.

Posto isso, pode-se evidenciar a potencialidade de sustentação do sofrimento psíquico que um grupo de irmãos possui. Assim, na prática clínica com atendimentos familiares, faz-se necessário observar o movimento da fratria em face das demandas que levaram a família a buscar psicoterapia, visto que uma possível organização do grupo de irmãos em prol da manutenção e do fortalecimento dos vínculos pode ser benéfica ao tratamento, enquanto uma relação de rivalidade e competição pode, supostamente, prejudicar o andamento das sessões. Dessa forma, embora o complexo fraterno ainda seja pouco estudado, é importante apontar sua relevância.

Por fim, vale salientar que os estudos aqui apresentados são teóricos e não têm como objeto casos clínicos reais. Dessa forma, tem-se como objetivo ilustrar as dinâmicas intersubjetivas que permeiam uma fratria, de forma a trazer luz ao tema do complexo fraterno, salvo as limitações que esse modelo de investigação possui.

## Referências

- Amaral, A. M. M., & Féres-Carneiro, T. (2012). Função fraterna: reflexões a partir do filme Príncipe das Marés. *Psicologia em Revista*, 18(1), 41-56. <https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2012v18n1p41>
- Anton, M. C., & Favero, E. (2011). Morte repentina de genitores e luto infantil: Uma revisão da literatura em periódicos científicos brasileiros. *Interação em Psicologia*, 15(1), 101–110. <https://doi.org/10.5380/psi.v15i1.16992>
- Benghozi, P. (2005). Resiliência familiar e conjugal numa perspectiva psicanalítica dos laços. *Psicologia Clínica*, 17(2), 101–109. <https://doi.org/10.1590/S0103-56652005000200008>
- Benghozi, P. (2010). *Malhagem, filiação e afiliação: Psicanálise dos vínculos – casal, família, grupo, instituição e campo social*. Vetor Editora.
- Berenstein, I., & Puget, J. (1993). *Psicanálise do casal*. Artes Médicas.
- Boer, F. (1990). Sibling relationships in middle childhood. In F. Boer (Ed.), *Sibling relationships in middle childhood* (pp. 7–60). SDWO Press.
- Eiguer, A. (2001). ¿Y si Narciso tuviera una hermana? Hermanos, psicoanálisis de las configuraciones vinculares. *Revista de la Asociación Argentina de Psicología y Psicoterapia de Grupo*, 44, 15–30. <https://aappg.org/revista-aappg-2001/>
- Fernandes, O. M., Alarcão, M., & Raposo, J. V. (2007). Posição na fratria e personalidade. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 24(3), 297–304. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2007000300001>
- Franco, M. H. P., & Mazorra, L. (2007). Criança e luto: Vivências fantasmáticas diante da morte do genitor. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 24(4), 503–511. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2007000400009>
- Franco, R. da S., & Sei, M. B. (2016). Identidade e relações familiares: transmissão psíquica em “Dois Irmãos”, de Milton Hatoum. *Pensando famílias*, 20(2), 177-191. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-494X2016000200013&lng=pt&tlng=](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2016000200013&lng=pt&tlng=)
- Freud, S. (2015). Análise da Fobia de Um garoto de cinco anos (“O pequeno Hans”, 1909). In *Obras completas* (Vol. 8): *O delírio e os sonhos na Gradiva, análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906–1909)* (P. C. de Souza, Trad.). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1909).
- Freud, S. (1974). Luto e Melancolia (1917[1915]) In *Introdução ao narcisismo, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 14). Imago. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (1976). *O ego e o id*. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XIX). Imago. (Trabalho original publicado em 1923)
- Freud, S. (2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade In *Obras completas* (Vol. 6): *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora” e outros textos(1901–1905)* (P. C. de Souza, Trad.). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905).
- Goldsmid, R., & Féres-Carneiro, T. (2007). A função fraterna e as vicissitudes de ter e ser um irmão. *Psicologia Revista (Belo Horizonte)*, 13(2), 293–308. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-11682007000200006](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682007000200006)
- Goldsmid, R., & Féres-Carneiro, T. (2011). Relação fraterna: Constituição do sujeito e formação do laço social. *Psicologia USP*, 22(4), 771–788. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642011005000031>
- Kaës, R. (2011). *O complexo fraterno* (L. M. E. Orth, Trad.). Ideias & Letras.
- Kancyper, N. (2004). *O complexo fraterno: Estudo psicanalítico da inveja, rivalidade e identificação entre irmãos*. Casa do Psicólogo.

- Kehl, M. R. (2000). Existe uma função fraterna? In *Função fraterna*. Relume-Dumará.
- Levisky, D. L., Levisky, R. B., & Dias, M. L. (Orgs.). (2021). *Dicionário de psicanálise de casal e família* (1ª ed.). Blucher.
- Losso, R. (2001). *Psicoanálisis de la familia: Recorridos teóricos-clínicos*. Lumen.
- Neubauer, P. (1982). Rivalry, envy, and jealousy. *The Psychoanalytic Study of the Child*, 37, 121–142. <https://doi.org/10.1080/00797308.1982.11823360>
- Penafria, M. (2009, abril). *Análise de filmes - conceitos e metodologia(s)* [Trabalho apresentado]. VI Congresso SOPCOM, Covilhã, Portugal.
- Pereira, C. R. R., & Lopes, R. C. S. (2013). Rivalidade fraterna: Uma proposta de definição conceitual. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 18(2), 277–283. <https://www.scielo.br/j/epsic/a/5bmw6Py66hQwRNdj5bWR3xt/>
- Ruffo, M. (2003). *Irmãos: Como entender essa relação*. Nova Fronteira.
- Santos, L. T., (2014). Uma nação dividida: escravidão e política partidária nos Estados Unidos às vésperas da guerra civil. *Espaço Plural*, XV, (31), 62-90.
- Thomas, H. (Criadora), Caswill, V. (Diretora), & Liggins, S. (Produtora). (2017). *Little women* [Minissérie de televisão]. BBC One.
- Vanoye, F., & Goliot-Lété, A. (2006). *Ensaio sobre a análise fílmica* (M. Appenzeller, Trad.; 4ª ed.). Papyrus.